

Lições de anatomia: vida, morte e dignidade

Lessons of anatomy: life, death and dignity

Lecciones de anatomía: vida, muerte y dignidad

Cristiane Regina Ruiz*
Léo Pessini**

RESUMO: A anatomia é uma disciplina da maior importância para as ciências da vida e da saúde. Presente na história desde os mais remotos tempos, tem sido foco de atenção não só da ciência, mas também da arte, da religião e da ética. Historicamente, sempre que a disciplina passou por momentos de polêmica e difamação, existia um forte componente ético em pauta no que diz respeito ao trato com o cadáver, fonte direta de estudo da disciplina. Neste trabalho abordaremos os diferentes momentos e fatos que acompanharam o desenrolar da anatomia humana na história, e questionaremos, à luz da bioética e da filosofia o comportamento das pessoas antes, durante e depois do contato com o cadáver nas aulas de anatomia humana, buscando refletir sobre a preservação do respeito e da dignidade após a morte.

DESCRITORES: Bioética; Dignidade humana; Morte

ABSTRACT: Anatomy is a very important discipline for life and health sciences. Present in history since the most remote times, it has been a focus of attention not only for science, but also for art, religion and ethics. From a historical point of view, every time the discipline has passed by controversy and defamation moments, there existed an ethical component involved regarding the attitude to the corpse, the direct source of the discipline study. In this work we will approach the different moments and facts that accompany Human Anatomy through history and to question, in the light of bioethics and philosophy, the behavior of people before, during and after the contact with the corpse in Human Anatomy lessons, seeking to reflect on the preservation of respect and dignity after death.

KEYWORDS: Bioethics; Human dignity; Death

RESUMEN: La anatomía es una disciplina muy importante para las ciencias de la vida y de la salud. Presente en la historia desde los tiempos más alejados, ha sido un foco de la atención no solamente de la ciencia, pero también del arte, de la religión y de la ética. Desde un punto de vista histórico, la disciplina ha pasado muchas veces por momentos de controversia y de difamación, y existía un componente ético implicado con respecto a la actitud frente al cadáver, la fuente directa del estudio de la disciplina. En este trabajo acercaremos a los diversos momentos y hechos que acompañan la anatomía humana en la historia y nos preguntaremos, bajo la perspectiva de la bioética y de la filosofía, el comportamiento de la gente antes, durante y después del contacto con el cadáver en las lecciones de anatomía humanas, intentando una reflexión sobre la preservación del respeto y de la dignidad después de la muerte.

PALABRAS-LLAVE: Bioética; Dignidad humana; muerte

“Considere-se o corpo desde o exterior. Esta massa de músculos e fibras, este conglomerado de ângulos e redondezas cobertas de pele, de proeminências animadas e concavidades impressionantes invariavelmente suscita no observador um intenso efeito. Que este seja positivo ou negativo, ao que parece depende completamente da recuperação do observador”.

Francisco Gonzáles — *Crussi* (1996)

* Educadora física. Doutora em Ciências (UNIFESP-EPM). Especialista em Bioética e Pastoral da saúde. Coordenadora do curso “Especialização em Diagnóstico por imagem: Interpretação anatômica”, do Centro Universitário São Camilo. Docente das disciplinas de Anatomia humana e Bioética. *E-mail:* crisruiz@scamilo.edu.br

** Teólogo. Doutor em Teologia Moral — Bioética. Superintendente da União Social Camiliana. Vice-reitor do Centro Universitário São Camilo. *E-mail:* pessini@scamilo.edu.br

Introdução

Existem e sempre existirão situações atreladas à aula prática de anatomia que nos fazem e nos farão pensar e repensar a ação educativa e até que dimensão ela consegue estender-se. O ato de ministrar aulas de Anatomia Humana extrapola o conjunto de estruturas biológicas que compõem o corpo humano biológico, pois há valores de comportamento humano envolvidos na observação e manipulação do corpo inerte que vêm em primeiro lugar.

A primeira impressão, o como e o quando ter esse primeiro contato com o cadáver tem se tornado uma pergunta freqüente em nossas reflexões. Diante da diversidade cultural, religiosa e biográfica dos estudantes, das diferenças comportamentais que presenciamos, percebemos que o trabalho de conscientização que se realiza antes das primeiras aulas práticas não atinge a totalidade dos alunos, mesmo porque é um trabalho pulverizado em que cada professor fala com os alunos de uma maneira particular, sendo mais ou menos enfático sobre o respeito, a ética e a dignidade do cadáver.

É óbvio que alcançamos um nível de compreensão dos alunos sobre o cuidado para não deteriorar a peça anatômica e sobre como se comportar no laboratório, mas não temos como saber sobre os conflitos internos e os sentimentos e memórias que cada um possui ligando-os à questão da morte.

Falar sobre uma ação (não estrague a peça, não faça brincadeiras com o cadáver etc.) é simples, mas falar sobre sentimentos e valores (não relacione seu medo da morte com o cadáver, não lembre do velório de seu pai etc.) são situações diferentes.

A imagem do cadáver no laboratório de anatomia gera em cada um dos novos estudantes reações diferentes, de diferentes intensi-

dades e maneiras, num misto de curiosidade, repugnância, pesar, ansiedade e medo.

O assunto não se enclausura no laboratório, tendo repercussão em cada um mesmo após o término da aula. Como saber o que se passa nas mentes desses observadores? Que emoções despertam ou são descobertas a partir desse contato? Que concepção de vida e morte são refletidas nesse encontro?

Abordaremos neste texto as diferentes faces dessa questão do ponto de vista histórico, antropológico e bioético, buscando, à luz destes fundamentos, refletir sobre a ética do lidar com o corpo inerte, da relação do vivo com o cadáver, além de caminhos para a valorização e respeito ao ser humano mesmo após sua morte.

Crônica de uma história de sentidos: O corpo sem vida que fala...

Num primeiro momento nos inspiramos em uma crônica de Rubem Alves, eminente pensador brasileiro, que nos relata uma história provocativa de sentidos em relação ao estudo em questão.

Transcrevemos a seguir excertos de uma história:

“...Era uma aldeia de pescadores perdida num fim de mundo, onde as coisas sempre aconteciam do mesmo jeito, a monotonia e o tédio havendo se apossado dos corpos dos homens e das mulheres, de sorte que dos seus olhos fugira toa a luz, e ninguém esperava receber das palavras de alguém fosse beleza, fosse sorriso, de antemão já se sabia o que diriam, a eterna repetição do mesmo enfado, cada um desejando secretamente a morte do outro, a liberdade é assassina, no mar é sempre igual, também as areias, as pedras, os barcos, os peixes, os vivos, os mortos...”

Foi então que um menino que olhava para a eterna monotonia do

mar viu algo diferente, estava longe, não sabia o que era, mas num lugar como aquele qualquer novidade é motivo de agitação, e ele gritou, e todos vieram correndo para ver, na esperança, talvez, de algo que lhes desse sobre o que falar, e lá ficaram, parados na praia, esperando que o mar trouxesse até eles a coisa, e ela foi vindo, sem pressa, até que, finalmente, o mar a depositou na areia, um morto desconhecido, tendo por roupa no seu corpo desnudo apenas as algas, os líquens e as coisas verdes do mar.

Morto maldito, um silêncio a mais. Pois dele nenhuma palavra se poderia falar. Desconhecido sem lugar, sem passado e sem nome...

Mas tinham de fazer o que deviam: os cadáveres têm de ser enterrados. E era costume naquela aldeia que os mortos fossem preparados pelas mulheres para o sepultamento, e assim o levaram para uma casa, e o colocaram eucaristicamente sobre uma mesa, tomai e comi, este é o meu corpo, e grande era o silêncio, pois sobre o morto sem nome não havia o que falar, as mulheres de dentro, os homens de fora, até que uma delas com voz trêmula observou: “Tivesse ele morado em nossa aldeia e teria de ter abaixado a cabeça sempre que entrasse em nossas casas, pois é alto demais, no que todos assentiram com um imperceptível gesto de cabeça. Mas logo uma outra falou, e perguntou como teria sido a voz daquele homem, se teria sido como a brisa ou como o rugir das ondas, e se teria tido em sua boca as palavras que, uma vez ditas, fazem com que uma mulher apanhe uma flor e a coloque no cabelo... e todas sorriram, e uma até passaram os dedos no cabelo, talvez para sentir uma flor invisível que lá estava.

E grande foi o silêncio até que aquela que limpava as mãos inertes do morto perguntou sobre o que elas teriam feito, se teriam construí-

do casas, se teriam travado batalhas, se teriam navegado mares, e se teriam sabido acariciar o corpo de uma mulher, e se ouviu então um discreto bater de asas, pássaros de fogo entrando pelas janelas e penetrando nas carnes.

E os homens, espantados, tiveram ciúme do morto, que era capaz de fazer amor com suas mulheres de um jeito que eles mesmos não sabiam. E pensaram que eram pequenos demais, tímidos demais, feios demais, e choraram os gestos que não haviam feito, os poemas que não haviam escrito, as mulheres que não haviam amado.

Termina a história dizendo que eles, finalmente enterraram o morto.

“...Mas a aldeia nunca mais foi a mesma...” (Alves, 1997)¹

Esta narrativa revela que num corpo sem vida é possível resgatar muitos sentidos da própria vida. Um dos sentidos atribuídos ao longo dos tempos é abordado na seção que segue.

Algumas notas históricas sobre anatomia

A anatomia humana, desde seu surgimento, já foi estudada de diversas maneiras, despertando diferentes graus de interesse por parte dos estudiosos e da sociedade. De heroína a vilã, a disciplina vem até hoje se mantendo viva, dada a sua importância fundamental e sua contribuição às ciências da vida e da saúde, superando conflitos, quebrando tabus e criando novos métodos de estudo e de preservação do corpo humano, sua principal fonte de pesquisa e informação.

Desde a pré-história os humanos sempre estiveram atentos a algumas de suas estruturas anatômicas, e o ato de “descarnar” os animais após a morte forneceu muitas e valiosas lições de anatomia para

as populações dessa época. Esse fenômeno nada tinha de anormal, visto que a caça era necessária para a sobrevivência e os conhecimentos obtidos eram utilizados para melhorar a eficácia da próxima caçada. Não havia vínculo religioso e nenhum conflito ético envolvido neste ato.

No Egito e na Mesopotâmia, o estudo anatômico mesclava-se com a religiosidade, quando a crença de que a imortalidade da alma se conservava no corpo fez com que vários órgãos fossem estudados em animais na busca do “guardião da alma” e dos sentimentos. A mumificação, apesar de contribuir para a conservação dos corpos, não foi registrada, e na época não era bem vista pela sociedade por exigir uma certa mutilação do corpo, sendo muitas vezes considerada um ato demoníaco. Percebe-se, portanto, uma contradição: o ato da mumificação preserva a morada da alma pela vida eterna, porém o indivíduo que realiza o ato é perseguido e considerado marginal por profanar esse mesmo corpo (Doolley, 1973; Graaf, 2004).

Foi na Grécia antiga que a anatomia ganhou maior aceitação como ciência. Nomes importantes que se destacaram nesse período foram Hipócrates e Aristóteles (Saeed et al, 2001; Puig et al, 2006). No período alexandrino o estudo da anatomia floresceu em razão da existência de uma escola de medicina em Alexandria. Os conhecimentos anatômicos eram adquiridos principalmente mediante dissecações de animais, porém num certo momento foram admitidas dissecações de cadáveres humanos e vivissecções (dissecação de seres vivos). Esse procedimento brutal executado em criminosos condenados em nada contribuiu para a boa imagem da disciplina, depondo contra esse tipo

de estudo por questões claramente relacionadas com a ética e a dignidade humana. Infelizmente, a maioria dos trabalhos escritos presentes nessa época foram perdidos quando a Biblioteca de Alexandria foi queimada em 30 a.C.

Em Roma não houve grandes avanços na medicina, e por conseguinte a anatomia tornou-se estagnada. Nessa época os médicos adquiriam seus conhecimentos anatômicos mediante dissecações de animais, e as leis passaram a ser estabelecidas atestando a influência da Igreja na prática médica, o que contribuía para a não dissecação de corpos humanos. O que foi preservado em termos de documentação anatômica do Império Romano são informações obtidas dos estudiosos gregos e egípcios. Destaca-se nesse período a figura de Galeno, um médico grego cujas teorias anatômicas duraram mais de mil anos. Suas descrições anatômicas, porém, eram limitadas a animais, visto que em sua carreira ele não dissecou mais que dois ou três cadáveres humanos. Suas obras, portanto, contêm muitos erros, pois sua base anatômica era obtida na maior parte dos casos em dados de animais como macacos, porcos e cachorros (Graaf, 2003; Puig, 2006).

Na Idade Média a sacralidade do corpo impediu o progresso da medicina. A anatomia era considerada um crime cujo castigo era a “fogueira”, logo, a dissecação de cadáveres foi totalmente proibida durante esse período. A primeira dissecação foi autorizada em Montpellier em 1375, imediatamente considerada obscena e novamente proibida. A Universidade de Bolonha foi autorizada a realizar uma autópsia por ano, às vésperas do Natal, através de uma cerimônia, procissão e exorcismos durante três dias. Em coerência com a visão

1. Excerto da crônica Os cadáveres, citado em Sobre o tempo e a eternidade. São Paulo: Papyrus, 1997.p.141-143.

medieval do corpo, os primeiros a serem submetidos a estas experiências anatômicas eram os criminosos (Illich, 1975).

No Renascimento, o estudo do corpo humano chamou a atenção de vários artistas e pensadores, e a anatomia difundiu-se rapidamente nas universidades, tornando as dissecações humanas parte integrante do currículo médico. Um fator dificultante do estudo anatômico, no entanto, era a rápida putrefação dos cadáveres, pois não haviam técnicas de preservação adequadas, e a dissecação se tornava uma maratona que se prolongava por cerca de quatro dias. Além desse, um outro fator limitante era a obtenção de cadáveres para a dissecação, fato que levou estudantes médicos a violarem sepulturas para roubar corpos, até que um decreto oficial foi emitido permitindo o uso de corpos de criminosos executados para estudo (Puig, 2006).

Nos séculos XVII e XVIII, a anatomia atingiu uma aceitação inigualável. O médico inglês William Harvey (1578-1657) descreveu com detalhes, em 1628, a circulação sanguínea, descobrimento esse de grande importância no desenvolvimento da medicina juntamente com a invenção do microscópio. Infelizmente, houve o lado da anatomia que denegriu sua imagem como disciplina séria, praticada por indivíduos com total falta de ética e respeito, que faziam demonstrações públicas de dissecação humana em grandes anfiteatros, vendendo ingressos a preços exorbitantes com o único intuito de representar um papel teatral e mostrar um espetáculo mórbido sem objetivo acadêmico algum.

No período da Segunda Guerra Mundial, momento em que as questões bioéticas envolvendo as experiências com seres humanos tomavam corpo com o processo de Nu-

remberg (Durand, 2003), anatomistas alemães foram acusados de usar corpos de vítimas do holocausto para pesquisas anatômicas, assim como foram feitas várias denúncias da presença da suástica nazista nas páginas de alguns atlas anatômicos da época (Aumuller & Grundmann, 2002).

Nos últimos anos do século XIX iniciou-se uma nova revolução científica global que continua até os dias de hoje. Entre os avanços tecnológicos se destacam os métodos de exame e diagnóstico por imagens (radiografias, tomografia computadorizada, ultrassonografia, ressonância nuclear magnética, endoscopia etc.), a microscopia eletrônica, fazendo com que o estudo da anatomia se desenvolva cada vez mais através das especializações e da pesquisa mais detalhada e mais complexa (Bouchet, 1996; Graaf, 2003). Entre esses inúmeros avanços destaca-se também a descoberta da técnica de preservação de cadáveres denominada plastinação, processo desenvolvido pelo professor Gunther Von Hagen em 1979 na Universidade de Heidelberg, e que torna possível preservar as estruturas do corpo humano por meio do uso de substâncias que interrompem a decomposição do corpo substituindo os fluidos corporais por substâncias à base de plástico e resinas de poliéster a vácuo (Saeed et al, 2001).

Como método de preservação esse procedimento tem sido revolucionário, colaborando muito para o avanço do estudo da anatomia, dada a dificuldade de obtenção e manutenção de cadáveres. O lado obscuro da técnica se mostra no fato de que o professor Von Hagen utiliza os corpos plastinados para exposições públicas. Mais de oito milhões de pessoas já assistiram suas apresentações na Alemanha, Japão, Bélgica, Áustria e Suíça. Essas exposições, nada acadêmicas, têm

suscitado sentimentos que vão de repugnância à fascinação, e gerado muita polêmica. Muitas pessoas relatam sua indignação com a exploração do cadáver destituindo-os de sua dignidade pós-morte, enquanto outros que pensam como Von Hagen acreditam não haver nada de mal nas exposições visto que o corpo humano é apenas um invólucro que após a morte perde sua serventia (*Anatomy, ethics and the law*, 2005). O que é certo é que no meio desse furacão de emoções controversas das exposições de Von Hagen, existe um negócio multimilionário de venda de “espécimes” plastinados para instituições de todo o mundo que choca a opinião pública provocando uma mistura de sentimentos sobre como o corpo deve ser tratado após a morte (*Body Worlds: Fascination beneath the surface*, 2005).

O corpo como morada

Há quem diga que já morremos uma vez, no momento em que nascemos. Morremos para uma vida sem respiração pulmonar, mergulhados no líquido amniótico, com um coração onde o sangue não fluía por todas as câmaras e havia uma comunicação interatrial imprescindível para a sobrevivência. Uma morada onde havia vasos sanguíneos que se ligavam a um outro ser para manter nossa vida.

Morremos e nascemos para o ar, colocando nossos pulmões para funcionar e reorganizando o meio interno para essa nova vida. Os átrios do coração deixam de se comunicar, os vasos que nos ligam à mãe são cortados e agora o coração todo trabalha levando sangue para todo o corpo e para os pulmões. É uma ruptura, uma morte para o antigo estágio, porém, sabemos o que acontece depois. Há uma nova vida que na realidade concreta é acompanhada passo a passo. Mas

e quando morremos pela segunda vez? Não sabemos concretamente o que há por vir, se há algo por vir ou se é decididamente o fim. Nesse impasse, mesmo a morte num sentido amplo, sendo um fenômeno que faz parte da vida, não pode na realidade apresentar-se como um dado biológico e tomar a forma de um acontecimento objetivo: tendo lugar no mundo, fazendo parte do saber de todos os seres humanos (Dastur, 2002).

Nosso corpo concreto habitado pela vida intra ou extra-uterina é cuidado, zelado, acariciado, por vezes agredido, maltratado, porém sempre é reconhecido. A questão está no depois, quando este corpo já não demonstra a vida em seu interior. O cadáver é então algo vazio, desprovido de sensações, sentimentos, e portanto muitas vezes abandonado e esquecido sem receber do outro o valor merecido. Sua dignidade desaparece por baixo de um lençol ou no retalhamento da autópsia (Crussi, 1996). O respeito é deixado de lado e ele é “coisificado” num laboratório de anatomia, sendo manipulado como um mero objeto. Esse olhar que separa corpo e alma permite que o corpo morto antes considerado digno de uma distinção especial, sendo tratado como se fosse uma pessoa, se transforme em algo desprovido de dignidade, e o cadáver se transforme em coisa, refugo (Pessini, 1990).

Historicamente, ninguém gosta de falar sobre a finitude. Este é um assunto que atemoriza, porém é uma verdade inabalável. A imagem do cadáver pode neste contexto representar diferentes aspectos de acordo com a cultura, a religião e a formação dos indivíduos. Pode-se abstrair que a estrutura corporal da morte representada no cadáver demonstra a fragilidade do corpo humano, mas por outro lado ele pode representar a chance do conhecimento mais aprofundado

da vida pelo reconhecimento das estruturas que numa rede intrínca de relações atuam na manutenção do equilíbrio do organismo vivo (Crussi, 1996).

Outro ponto de partida para a reflexão é que a anatomia aprendida no cadáver nos ensina uma dupla lição sobre a individualidade e comunhão entre os seres humanos. Enquanto individualidade, podemos reconhecer durante o estudo dos órgãos e vísceras que não há dois corações idênticos, que a configuração do fígado nunca é exatamente a mesma e que os vasos sanguíneos se ramificam sempre de modo peculiar, ou seja: nossa individualidade deixa suas pegadas no estudo da anatomia.

Por outro lado, quando verificamos que mesmo com todas as variações da Anatomia que podemos encontrar os sistemas sempre trabalham da mesma maneira, desempenhando suas funções com harmonia e perfeição, verificamos a comunhão da espécie, o modo como sendo únicos somos também semelhantes em espécie. Somos todos humanos, e a partir desse conceito, se nem em nossa corporeidade biológica somos tão diferentes não há porque crer que a inteligência, classe social ou tom de pele possam criar entre dois seres humanos uma distância maior do que a que existe entre as espécies. A corporeidade como condição humana evidencia as potencialidades, e ao mesmo tempo os limites, em que o ser humano está constituído. O tema da corporeidade, portanto, vincula necessariamente à historicidade e à relacionalidade (Anjos, 2005).

O corpo como fonte de conhecimento

“A utilização do cadáver é uma tríplice lição educativa: instrutiva ou informativa, como meio de conhecimento da organização do corpo

humano, precedendo o estudo no vivo; normativa, disciplinadora do estudo, pelo seu caráter metodológico e de precisão de linguagem e estético-moral, pela natureza do material de estudo, o cadáver, e pelo método primeiro de aprendizado, a dissecação, que é a experiência e fuga repousante na contemplação da harmonia de construção do organismo humano refletindo-se sobre uma lição de ética e de humildade. Renato Locchi (1896-1978) apud Watanabe, 2005)

É mister neste momento reconhecer a contribuição que o corpo humano tem dado, e não só à medicina desde a Pré-história. Grande atenção foi dispensada à anatomia por alguns personagens históricos, como Leonardo da Vinci, que começou a dissecar cadáveres para aperfeiçoar sua arte e é hoje considerado um dos maiores anatomistas de todos os tempos. Vesalius, com sua obra *De humanis corpori fabrica* revolucionou o estudo anatômico e acrescentou muito à medicina. Rembrandt, que pintou *Lição de anatomia do dr. Tulp*, obra consagrada e presente em uma grande quantidade de escolas médicas e laboratórios de anatomia. Todos esses grandes nomes são exemplos de lições de arte, dedicação e respeito que o século XXI tem que preservar (Mangini, 2005). O estudante de anatomia precisa conhecer um pouco da história para alicerçar o início de sua jornada de aprendizagem anatômica, pois o futuro profissional, ao adentrar ao laboratório de anatomia, carrega consigo ansiosos, temores e dúvidas que extrapolam o universo biológico.

Ao mesmo tempo em que ele se vê iniciando a construção de seu conhecimento sobre o corpo humano, ele também necessita vencer muitas vezes barreiras culturais e religiosas que envolvem o manuseio do cadáver. É interessante a reflexão de que há uma linha de-

marcatória para todas as pessoas no que diz respeito ao estudo do laboratório e anatomia; o que está fora e o que está dentro? O que significa ultrapassar a porta e vivenciar esse momento? (Villas Boas, 1983). Como cada um encara essa passagem? Não deixa de ser um ritual: a expectativa, o impacto, o sofrimento, a iniciação, o medo e o orgulho. Emoções diferentes para pessoas diferentes, mas com objetivos idênticos. O lidar com essas sensações está a nosso ver intrinsecamente ligado à condução dessa atividade do responsável pela introdução do indivíduo neste novo universo, o modo como foi fundamentada a tarefa. E esses fundamentos em hipótese alguma podem ser puramente biológicos. Há valores éticos, espirituais, psicológicos, culturais e religiosos envolvidos no processo.

O comportamento de cada pessoa está sem dúvida atrelado ao modo como ela foi instruída antes de atravessar a porta para esta aprendizagem, sem esquecer que a própria pessoa, a partir de suas experiências, valores e educação, entre outros elementos, também exerce grande influência.

Se nos ativermos à imagem simbólica que o laboratório de anatomia representa, sendo muitas vezes “sagrado” e em outras tantas vezes “profano”, perceberemos o quanto o comportamento da pessoa em seu interior a qualifica.

O ambiente se torna o que os frequentadores o fazem. Se os professores e funcionários demonstram respeito e cuidado ao local, colocando-o como um endereço de extrema importância, claramente os discípulos (estudantes) herdarão essa seriedade. Obviamente, nunca a totalidade das pessoas será influenciada com essa dose de respeito e resignação. Sempre haverá espaço para os menos interessados e para atitudes jocosas que mesclam o macabro

e o cômico. O difícil é contabilizar o que é suscitado em cada pessoa para que sua reação seja de determinada maneira. O repúdio, a brincadeira, a náusea, o riso, a curiosidade mórbida, a reação de terror. Cada uma dessas reações relaciona-se a valores intrínsecos de cada pessoa, que para nós, sem o conhecimento de sua biografia e de sua educação, torna-se difícil avaliar.

O fato de que este local, com o auxílio do manuseio deste corpo inerte, proporciona a aquisição de um saber diferenciado (o domínio da estrutura corporal), mas também a construção de novas atitudes (respeito ao cadáver), torna inquestionável o elemento simbólico presente. É pois nessa atividade contínua e temporalmente bem marcada que os estudantes vão discernindo, entre a sacralidade, o respeito do valor humano contido no cadáver, a dignidade mesmo após a morte, e o profano, pelo manuseio, pela manipulação, pela dissecação e pelo retalhamento deste mesmo ser inerte. O que deve ficar claro é que uma atitude não existe distinta da outra, ou seja, ambas mesclam-se direcionadas por um objetivo comum: o aprendizado. No laboratório de anatomia, então, há necessidade de se tomar uma rápida decisão quando colocado diante da mesa de dissecação: a reflexão sobre o significado da vida e a transitoriedade do corpo, a necessidade de não pensar na morte para poder pensar na vida, a curiosidade com respeito ao corpo e a descoberta do conhecimento (Villas Boas, 1983).

O corpo sem vida e a identidade

Segundo Philippe Ariès (1977), o corpo morto, antes objeto familiar e figura do sono, foi pelos séculos retirado dos olhares, escondido onde não é mais visível. A ocultação

do morto, tão comum hoje, é dicotomicamente oposta ao que se faz no laboratório de anatomia, onde se expõe essa figura para seu estudo e manuseio. Ariès segue relatando que a recusa de ver o corpo morto não constitui recusa da individualidade física, mas recusa da morte carnal do corpo. Talvez essa morte carnal demonstre o fim de uma história, de uma trajetória biográfica que é tomada como semelhante à sua pelo estudante, gerando o desconforto no trato com o cadáver.

Para Edgar Morin (1970), a consciência da morte não é algo inato, mas sim produto de uma consciência que compreende o real. E, portanto, porque o seu conhecimento da morte é externo, aprendido, não inato, o homem se surpreende com a morte. A surpresa gera ansiedade e essa ansiedade se reflete muitas vezes no primeiro contato com o cadáver.

Sabendo desse sofrimento, e numa tentativa de minimizá-lo, os professores costumam iniciar os estudos anatômicos com o estudo dos ossos, e progressivamente encaminhar o aluno para o contato com o cadáver. Essa estratégia geralmente funciona como apaziguadora da ansiedade do aluno ingressante.

É muito comum que os estudantes usem como subterfúgio para o estudo anatômico, desvincular o cadáver de sua identidade para evitar o sofrimento. Os traços que relembram a identidade do cadáver e sua história de vida dificultam a aproximação e o manuseio. Um dos exemplos mais comuns dessa dificuldade é o reconhecimento da “face”. Muitos alunos cobrem o rosto do cadáver com uma folha de papel durante o estudo, referindo-se ao incômodo que o mesmo causa se mantido descoberto. Outras estruturas que geram esse desconforto são os cabelos, barba ou bigode, unhas compridas e às vezes até esmaltadas. Esses detalhes fa-

zem insinuar a vida que já não está presente, levando o aluno a fazer questões tais como: quantos anos ele teria? O que fazia para sobreviver? Como morreu? E esses questionamentos o dispersam do estudo e trazem à tona sentimentos de humanidade e sofrimento, dificultando essa relação.

Uma possível explicação para esses questionamentos seria o fato de a morte ser justamente o reverso da vontade de vida, fundo comum de nosso ser, representada como aniquilação, fenômeno que se opõe ao amor à vida e ao esforço para conservá-la e prolongá-la o mais possível, atitudes comuns ao ser humano? (Schopenhauer, 2003). Por outro lado, em sua grande maioria esses corpos são indigentes, corpos não reclamados por familiares, que chegam à anatomia sem identificação. Não são “pessoas”, uma vez que lhes falta identidade social. Esse fato acaba descaracterizando essa identificação e pejorativamente tornando o cadáver “coisa” (material humano) e não “pessoa”. Essa atitude não se reflete na totalidade dos estudantes, visto que uma boa parte consegue demonstrar uma atitude física, mental e verbal de sobriedade, meditação e elevada compostura, manuseando as peças anatômicas com o mais profundo sentimento de respeito e atenção.

O corpo sem vida e a ética

O respeito ao cadáver como semelhante é uma das primeiras lições que os alunos recebem na aula de anatomia. Esse sentimento é cultuado em várias instituições por meio da missa ao cadáver (cerimônia ecumênica ao longo dos tempos com uma aura de religiosidade) ou a homenagem ao cadáver desconhecido (evento sem fins religiosos), e simbolizado no interior do laboratório pelas palavras do anatomista Rokitanski (1876), emol-

duradas na parede e que transcrevemos a seguir:

“Ao curvar-te com a lâmina rija de teu bisturi sobre o cadáver desconhecido, lembra-te que este corpo nasceu do amor de duas almas; cresceu embalado pela fé e esperança daquela que em seu seio o agasalhou; sorriu e sonhou os mesmos sonhos das crianças e dos jovens; por certo amou e foi amado e sentiu saudades dos outros que partiram.

Acalentou um amanhã feliz e agora jaz na fria lousa, sem que por ele se tivesse derramado uma lágrima sequer, sem que tivesse uma só prece.

Seu nome, só Deus sabe; mas o destino inexorável deu-lhe o poder e a grandeza de servir à humanidade que por ele passou indiferente.

Sabemos que o senso de ética desenvolve-se e se torna aguçado com as experiências de vida do indivíduo durante seu desenvolvimento. Isto significa que quanto mais experimentamos situações de respeito mútuo uns com os outros na comunidade, família ou profissão, mais subsídios teremos para a “consciência” ética almejada.

Não podemos dar o que não temos, portanto, se não houver respeito de nossa parte para com os vivos, para os nossos próximos, durante nosso dia-a-dia, dificilmente, conseguiremos manter atitudes de respeito frente à morte.

Trata-se de uma questão de ética, a partir da qual averiguamos como os princípios éticos podem ser aplicados a essa situação mediante o cabedal de conhecimentos e experiências adquiridas. É preciso levar em conta que esta é uma situação que possui valores específicos e individuais, e que os conceitos ou posturas éticas a serem interiorizados têm que ser refletidos num contexto novo, diferente do que se trabalha no cotidiano (Cortina, 2005).

O fato de o cadáver não representar à primeira vista semelhança com a energia da vida, mas sim com a ausência dela, dificulta a compreensão do seu valor intrínseco, o respeito ao pós-vida, ao corpo que ainda representa o humano, porém, numa dimensão simbólica temos a morte servindo ao aumento de conhecimento e, portanto de competência na luta pela vida.

A premissa ética que buscamos para o estudo anatômico está pautada na dignidade e no respeito à vida mesmo após seu término. Historicamente, percebemos que os momentos em que a dignidade do cadáver deixava de ser preservada, ou em que o respeito ao mesmo desaparecia, faziam com que a sociedade questionasse a ética dos anatomistas e dos estudiosos. Verificou-se isso quando se registravam histórias de roubo de cadáveres, tortura (vivisseções) e exposições de corpos.

O que fica claro é que não há nada de novo no assunto, mas sim uma releitura do que já aconteceu no passado. Gunther Von Hagen não faz nada diferente do que já se fazia nos anfiteatros dos séculos XVII e XVIII, gerando os mesmos dilemas éticos do passado. Sendo assim, a idéia de um processo educativo sobre as questões éticas do trato com o cadáver sempre esbarrará em fatos como estes, que prejudicam o entendimento da disciplina como uma fonte de conhecimento que prevê atitudes dignas, respeitadas e profundamente éticas por profissionais que sabem das implicações éticas, legais e sociais que pesam sobre seus ombros no desempenho de suas atividades no laboratório e no convívio com os estudantes.

Considerações finais

Após este relato histórico e reflexivo sobre os diversos pensamentos que permeiam a relação do

vivo com o corpo inerte retomamos Rokistanski (1876). *“Ao curvar-te com a lâmina rija de teu bisturi sobre o cadáver desconhecido, lembra-te que este corpo nasceu do amor de duas almas; cresceu embalado pela fé e esperança daquela que em seu seio o agasalhou; sorriu e sonhou os mesmos sonhos das crianças e dos jovens; por certo amou e foi amado e sentiu saudades dos outros que partiram”* para deixar claro que não podemos permanecer indiferentes. Esse corpo carrega todo o simbolismo da vida de alguém, suas vitórias e derrotas, sua caminhada e sua partida desta vida, marcas biográficas de um sujeito de direito que deve manter-se digno perante os outros, mesmo que se destaquem agora somente sua vulnerabilidade e sua fraqueza. Este corpo que

em vida não teve chances para desenvolver todo seu potencial, de realizar muitas escolhas, hoje contribui para a sociedade na formação de novos médicos, enfermeiros, entre outros profissionais da saúde, e por esse papel se torna mais digno do que talvez jamais conseguiu ser, demonstrando então seu valor e merecendo o mais alto grau de respeito.

Finalizando nossa reflexão retomamos Rubem Alves na sua provocativa crônica “Os cadáveres”:

“Há tempos que o poder dos cadáveres me fascina. E eu não sou o primeiro. César Valejo dizia do corpo de um morto que ele “estava cheio de mundos”. Merleau-Ponty, pela mesma razão que Valejo, os considerava “entidades sagradas”. Eliot era ousado e perguntava:

E o cadáver que você plantou no seu jardim o ano passado. Ele já começou a brotar? Será que ele dará flores este ano?

Que coisa mais louca, plantar cadáveres. Para fazer isso é preciso acreditar, como a Adélia, que

*Nunca nada está morto.
O que não parece vivo, aduba.
O que parece estático, espera.*

Parece que os homens sempre acreditaram assim — o que explicaria o costume de enterrar os mortos com mil cuidados a regar a semeadura com lágrimas. Os animais não fazem isso. Cada sepultamento é um plantio. Assim acreditava Jesus, que dizia da necessidade de a semente morrer para que ela pudesse dar frutos.

O que se diz ao lado de um morto é o início da colheita...” (Alves, 1997)

REFERÊNCIAS

- Alves R. Sobre o tempo e a eternidade. Campinas: Papirus; 1997. p. 141-143.
- Anjos MF. O corpo no espelho da dignidade e da vulnerabilidade. Mundo saúde 2005; 29 (3): 325-335.
- Aumuller G, Grundmann K. Anatomy during the third Reich: the Institute of Anatomy at the University of Marburg, as an example. Ann Anat 2002; 184: 295-303.
- Áries P. História da morte no ocidente. Rio de Janeiro: Francisco Alves; 1977. 180 p.
- Anatomy, ethics and the law. Disponível em: <URL:<http://www.channel4.com/science/microsites/A/anatomists>>
- Body worlds: fascination beneath the surface. Disponível em: <URL:<http://www.channel4.com/science/microsites/A/anatomists/>>.
- Bouchet A. In defence of human anatomy: a commentary. Surg Radiol Anat 1996; 18 (1): 159-165.
- Cortina A, Emilio M. Ética. São Paulo: Loyola; 2005 p. 145-153.
- Cursi FG. Notas de um anatomista. México: Fondo de Cultura econômica; 1996. p. 92-121.
- Dastur F. A morte: ensaio sobre a finitude. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil; 2002. p. 71-86.
- Dooley D. A dissection of anatomy. Ann Roy Coll Surg Engl 1973; 53: 13-26.
- Durand G. Introdução geral à bioética: história, conceitos e instrumentos. São Paulo: Loyola; 2003. p. 39-42.
- Graaff V. Anatomia humana. São Paulo: Manole; 2003. p. 1-20.
- Illich I. A expropriação da saúde: Nêmesis da medicina. Rio de Janeiro: Nova Fronteira; 1975. p. 172.
- Mangini J. Lição de respeito. Disponível em: <URL:<http://www.unifesp.br/comunicacao/sp/ed06/reports5.htm>>.
- Morin E. O homem e a morte. 2ª. ed. Portugal: Europa-América; 1970 p. 62-85.
- Pessini L. Eutanásia e América Latina: questões ético-teológicas. São Paulo: Santuário; 1990. p. 25-28.
- Rosell PW, Paneque R, Ena R, Gomez M. Evolución histórica de la Morfología. Rev Cubana Educ Med Super 2005 [online], jan/mar 19(1). [citado 20 Abril 2006] p. 11. Disponível em: [URL:http://scielo.sld.cu/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S086421412005000100008&lng=es&nrm=iso](http://scielo.sld.cu/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S086421412005000100008&lng=es&nrm=iso).
- Saeed M, Rufai AA, Elsayed SE. Mummification to plastination. Saudi Med J 2001; 22 (11): 956-959.
- Schopenhauer A. Da morte – metafísica do amor – do sofrimento do mundo. São Paulo: Martin Claret; 2003. p. 23-75.
- Stephen GP, editors. Encyclopedia of Bioethics. 3ª. ed. New York: Macmillan Reference; 2004. v. 1, p. 320-333.
- Vilas Boas MH. O vestibular de anatomia In: Martins JS. A morte e os mortos na sociedade brasileira. São Paulo: Hucitec; 1983. p. 25-37.
- Watanabe IS. O ensino de anatomia humana: o dilema da escassez de cadáveres. Disponível em: <URL:http://www.usp.br/jorusp/arquivo/1998/jusp424/manchet/rep_res/opiniao.html>.
-

Recebido em 27 de abril de 2006
Aprovado em 18 de maio de 2006